
FAZER A FEIRA E SER FEIRANTE: A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DO TRABALHO EM MERCADOS DE RUA NO CONTEXTO URBANO*

*Viviane Vedana***

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: Neste artigo procuro argumentar, a partir das narrativas de alguns interlocutores de pesquisa, bem como de observações participantes realizadas em mercados de rua entre os anos de 2004 e 2008, que o trabalho do feirante está fundamentalmente amparado em suas habilidades de construir laços sociais e promover sociabilidades. As reflexões que esses trabalhadores elaboram sobre seu trabalho no dia a dia do mercado evocam os saberes e fazeres que sistematizam nessa trajetória: as formas de tratar os fregueses, o conhecimentos sobre os alimentos, suas origens, circulação e distribuição, as redes de fornecedores que tecem, etc. A ênfase depositada na construção do laço social com seus fregueses (e também fornecedores e colegas) relacionada com a repetição cíclica dos gestos e práticas no mercado, nos revelam que fazer a feira é também fazer o feirante, no sentido de um *métier* construído cotidianamente a partir de uma experiência compartilhada.

Palavras-chave: cidade, formas de sociabilidade, mercados de rua, trabalho.

Abstract: This article presents narratives of merchants and participant observation in street markets made between 2004 and 2008. His central argument is that the work of merchants is fundamentally sustained in their ability to establish social ties and to promote sociability. The reflections that these workers draw about their work indicate the knowledges and practices that they systematize in this trajectory: ways to serve customers, knowledge about food, its origins, circulation and distribution, the networks of suppliers that they lay down, etc. The emphasis placed on social ties with their customers, suppliers and colleagues reveals that this *metier* is configured from a shared experience in everyday practices of the market.

Keywords: city, forms of sociability, street market, work.

* O presente trabalho foi realizado com o apoio da Capes, entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

**Em pós-doutorado.

As práticas cotidianas de trabalhadores do comércio de alimentos em feiras livres foram parte significativa de meus estudos de doutorado,¹ que contou com pesquisa de campo em mercados de rua das cidades de Porto Alegre e São Paulo, no Brasil, bem como em *marchés* de Paris, na França. Em Porto Alegre as feiras livres organizadas pela Associação dos Usuários do Mercado nos bairros Cidade Baixa e Medianeira ganharam especial atenção durante o trabalho de campo. No caso de São Paulo, a pesquisa se desenrolou na feira livre da rua Mourato Coelho, organizada pela prefeitura da cidade. O *Marché Maubert*, no 5^e *arrondissement* e o *Marché de Belleville*, no 20^e *arrondissement* foram os principais locais da pesquisa de campo realizada em Paris.

Embora a delimitação do objeto que configurava a pesquisa de doutorado, naquele momento, não se relacionasse diretamente ao tema do trabalho ou à escolha da ocupação de feirante, suas práticas sociais eram fundamentais para a compreensão do que me inquietava: os laços sociais tecidos entre feirantes e fregueses que produziam a duração (Bachelard, 1988) do mercado de rua como forma social (Simmel, 1981) particular na cidade moderno-contemporânea. Tratava-se principalmente de pensar essas práticas cotidianas sob a perspectiva da antropologia urbana e do cotidiano como configuradoras de uma poética urbana (Sansot, 2004). Assim, boa parte das narrativas desses interlocutores de pesquisa dizia respeito às suas escolhas de trabalho (colocando a feira como uma opção entre outras possibilidades), às suas artes de fazer (Certeau, 1994) nesse *métier*, às suas aprendizagens e heranças, culminando, em geral, numa reflexão sobre essa escolha como a melhor possível, expressa em frases como “a feira é meu chão”, “a feira é a base de tudo”, “les marchés sont mes amours”.

Debruço-me novamente sobre essas narrativas a partir de uma perspectiva um pouco diferente. A atenção desloca-se para o trabalho desses sujeitos numa tentativa de compreender essas práticas cotidianas como o resultado da sistematização de um conjunto de saberes e experiências que foram construídas no dia a dia do mercado. Pretendo argumentar, a partir do que pude aprender com essa revisita a entrevistas e diários de campo, que fazer a feira é também “fazer” o feirante à medida que escuto no espaço da feira livre suas interpretações sobre como aprenderam e como ensinaram esse *métier*, e como

¹ As análises aqui expostas derivam de minha tese de doutorado (Vedana, 2008).

ele necessariamente depende dessa relação com o outro (o freguês, o colega, os fornecedores, etc.), ou seja, depende dos laços que são tecidos e reafirmados a cada dia de feira.

Esse olhar que se desloca é construído também a partir de uma experiência de trabalho – o trabalho da pesquisa – que segue do doutorado para o pós-doutorado. Como os feirantes que, a cada dia de mercado, reelaboram saberes e sistematizam experiências para prosseguirem em seu trabalho (e assim se especializarem), a pesquisa antropológica constantemente nos desafia a repensar categorias e interpretações, seja através do trabalho de campo, seja através de novas perspectivas teórico-conceituais. No caso da narrativa etnográfica a ser elaborada neste texto, os dois processos fazem-se presentes. Inicialmente, engajo-me como bolsista de pós-doutorado no projeto de pesquisa “Trabalho e cidade: antropologia da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea”, coordenado pela professora Cornelia Eckert, no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS) e sediado no Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev), e a partir dele inicio um novo trabalho de campo, na Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul (Ceasa/RS).² É a partir desse projeto que tomo contato mais profundo com o campo de pesquisa da antropologia do trabalho e que me permito repensar as análises anteriormente elaboradas sobre as práticas cotidianas dos feirantes com os quais tive contato em termos de práticas de trabalho e trajetórias, principalmente. Por sua vez, o trabalho de campo na Ceasa/RS possibilita-me relativizar essas formas de vender o alimento no meio urbano e compreender melhor as diferenças entre comerciantes e produtores que compõem a feira livre,³ suscitando novos questionamentos a respeito dos sentidos do trabalho no comércio de hortifrutigranjeiros.

Tomando o título do projeto ao qual faço parte, “Trabalho e cidade”, como referência para colocar em diálogo as reflexões elaboradas na tese – que

² Conforme a descrição do *site* da instituição: “A Centrais de Abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul S/A – Ceasa/RS é uma sociedade por ações de economia mista, tendo capital do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (a quem cabe a gestão, através da Secretaria da Agricultura) e Prefeitura Municipal de Porto Alegre.” Trata-se de um grande centro distribuidor de hortifrutigranjeiros do estado e foi fundada no final da década de 1960, como parte de uma política pública de abastecimento de alimentos no país. Para maiores detalhes ver a tese de Márcia da Silva Mazon (2010).

³ Infelizmente não poderei aprofundar aqui a análise dos dados de pesquisa relacionados ao trabalho de campo na Ceasa/RS. Desenvolvo essa análise em outro texto, ainda em andamento, a ser publicado nos Anais da 36ª Anpocs.

ênfataz as transformações urbanas sob a perspectiva de uma etnografia da duração (Eckert, Rocha, 2005) – com as interpretações atuais sobre o trabalho de comerciantes e produtores no abastecimento urbano de alimentos, busco situar o trabalho do feirante como um trabalho urbano. Essa definição não pretende partir de uma separação entre dois domínios supostamente opostos (o rural e o urbano) apenas para delimitar o trabalho do feirante num contexto específico.⁴ Minhas próprias experiências etnográficas nas feiras livres de Porto Alegre e atualmente na Ceasa/RS, com produtores agrícolas (que são também comerciantes), cujas propriedades estão situadas em Porto Alegre (no que poderíamos, não sem muito cuidado, chamar de zona rural urbana⁵), já demonstram a necessidade de borrar essas fronteiras.

O que me parece estar em jogo é a possibilidade de construir um debate a partir da antropologia urbana com o campo de estudos da antropologia do trabalho,⁶ classicamente voltado para as classes de trabalhadores da fábrica ou da indústria, para os operários, suas lutas e movimentos sociais, para suas relações de trabalho, para os processos de dominação e a exploração de sua força de trabalho, etc. Os feirantes com os quais tomei contato não se enquadram nessa categoria de trabalhadores operários de fábricas (e também

⁴ Aqui seria interessante debruçarmo-nos sobre as reflexões de Michel Agier (2011) atinentes a uma antropologia da cidade desvinculada de sua referência ao mundo rural (ou seja, um campo de estudos construído em oposição a outro), uma abordagem da “cidade em si mesma” para entendê-la a partir de relações e não somente como o lugar de emergência do individualismo – e, é claro, do indivíduo como categoria principal de análise. Essa característica interacional da cidade (Agier, 2011) é um nexu importante para a argumentação deste artigo.

⁵ Segundo dados da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a cidade é a segunda capital do Brasil em produção de alimentos, contando com uma vasta área de propriedades rurais com produção agrícola. A esta região, que ocupa cerca de 60% do território da cidade, atribuem a denominação de Cidade Rururbana (http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=9&p_secao=193).

⁶ Mais uma vez, não considero que as fronteiras entre esses dois campos de estudo sejam rígidas, poderíamos até conceber que são bastante próximos quando percebemos uma bibliografia que transita entre essas áreas. No entanto, cada um desses campos de pesquisa acaba por estabelecer determinados temas e recortes conceituais específicos sobre os fenômenos sociais analisados, enfatizando, de um lado, a cidade, e, de outro, o trabalho, como num jogo de figura e fundo. Nesse sentido, busco neste texto um caminho entre esses dois campos para situar a categoria de trabalhadores com a qual me deparo nesse momento. Para esse percurso, situaria algumas bibliografias que são referências fundamentais para esta análise: as pesquisas de José Sergio Leite Lopes (1976, 1988) sobre a lógica das relações de trabalho e as representações de trabalhadores, a pesquisa de Cornelia Eckert (2012) sobre as temporalidades de uma mina de carvão desativada e a memória dos trabalhadores, e as pesquisas de Gilberto Velho (1981, 1999) sobre o fenômeno urbano.

não passaram por essa experiência em sua trajetória). Tampouco podem ser vistos como produtores rurais, ou agricultores (e que, portanto, teriam como seu “trabalho principal” as lidas na terra), pois escolhi tratar aqui daqueles que são apenas comerciantes, classificação que me foi apresentada por eles mesmos. Certamente, são parte de uma classe trabalhadora urbana (Duarte, 1986) tomada de uma perspectiva mais geral se levarmos em conta a heterogeneidade presente nessa categoria de análise. Mas, ainda assim, não se constituem como sujeitos alienados de sua força de trabalho ou explorados, na medida em que são seus próprios patrões e donos do seu negócio – e aqui já entramos em uma outra ordem de problemas, pois não são também micro ou pequenos empresários.

Assim, tratar o feirante como um trabalhador urbano pode parecer uma afirmação óbvia num primeiro momento, mas permite-me refletir sobre as complexidades que produzem a emergência dessa figura: o feirante, o comerciante e o mercador. Poderíamos nos remeter a Max Weber (1979), que descreve a cidade – ou uma das categorias de cidade – como um local de mercado. Nesse caso, o comerciante constitui-se nesse personagem responsável pelo trânsito de mercadorias entre diferentes localidades. A pergunta que se coloca no entanto é: qual é, ou como é o seu trabalho? Trata-se apenas de um mediador de trocas sociais e econômicas? Um “atravessador”, que compra a mercadoria de um lado para revender em outro? Voltando para os mercados de rua e observando esse feirante em suas práticas de trabalho, evidenciam-se pouco a pouco estas múltiplas camadas: é proprietário de seu negócio – que se torna um negócio da família –, mas não exatamente um micro ou pequeno empresário, não opera apenas na administração ou gestão, embora também o faça. Ainda que proprietário e consciente de sua hierarquia frente a outros colegas de banca que podem ser seus empregados ou familiares, engaja-se nas tarefas mais básicas de seu processo de trabalho, como montar e desmontar a banca, varrer o chão, etc. de forma que, apenas observando as atividades e os gestos de trabalho de maneira superficial, não acedemos a essa hierarquia. Ao mesmo tempo, sistematiza uma série de conhecimentos sobre economia, agricultura, alimentos, importações, etc. que extrapola muito o contexto circunscrito do mercado (ou, enfim, acabam engajando o próprio mercado de rua em uma dimensão mais ampla e global), colocando esse trabalhador em sintonia com os processos de globalização e transformações sociais, econômicas e urbanas, ainda que, em alguns casos, não se expressem nesses termos.

Mas, de todos esses saberes e experiências que conformam o trabalho do feirante, um deles é visto como fundamental por todos os interlocutores desta pesquisa: a capacidade de interação com o outro e o jogo social com fregueses e mesmo outros feirantes, a maestria de instaurar as jocosidades e consolidar vínculos com fregueses (Vedana, 2008). A sociabilidade, portanto, é o elo fundamental de minha argumentação sobre o feirante como um trabalhador urbano. No decorrer de suas atividades é preciso dominar esse jogo, colocar a palavra em circulação no mercado e construir laços de reciprocidade com seus fregueses, produzindo o sucesso do seu negócio. De um lado temos a sociabilidade como instrumento de trabalho – que precisa ser desenvolvida e também ensinada aos sucessores –; e, de outro, temos o espaço da rua, da calçada, como local de trabalho. Proponho que estes sejam os elementos principais para reconhecermos que trabalho é esse. Como afirmei em precedência, não se trata de operários, mas podemos aproximar suas artes de fazer (Certeau, 1994) àquelas do trabalho dos *artistas* descritos por J. S. Leite Lopes (1976) em *O vapor do diabo*, que se diferenciavam dos *profissionais* na medida em que não estavam subordinados às máquinas e, com o tempo de trabalho, poderiam especializar suas técnicas de produção e usá-las inclusive como moeda de troca. Esse trabalhador do mercado, da mesma forma, usa suas habilidades de conversação (Simmel, 1983), ao longo dos dias de feira, para se especializar e construir sua clientela, intensificando sua experiência urbana de trabalho na rua.

É importante considerar que o feirante participa das dinâmicas urbanas, seja na elaboração do mercado como um espaço de trocas e de sociabilidades, que são fundamentais para a vida cidadã (Vedana, 2008), seja em suas táticas de reelaborar seu trabalho, tendo em vista as mudanças que o crescimento das cidades impõe às suas práticas. Ao mesmo tempo é esse trabalhador que trará para o espaço urbano os produtos do mundo rural, seja ele um produtor agrícola ou não. Podemos argumentar que esses mesmos produtos podem ser vistos e adquiridos em supermercados, que prescindem da atuação desse trabalhador. Refiro-me, todavia, mais às representações simbólicas que a feira livre enseja, devido à forma como esses produtos são apresentados e comercializados, do que à dimensão de uma razão prática (Sahlins, 2003), relacionada à aquisição de alimentos hortifrutigranjeiros. Se feiras livres e mercados de rua ainda fazem parte da paisagem urbana é porque essa forma de comercializar alimentos permanece plena de sentido para seus *habitués*, trabalhadores ou fregueses.

Relembrando as análises de Eunice Durham (1978) a respeito das migrações campo – cidade e o trabalho, vemos que o comércio, mesmo informal ou ambulante, era uma atividade privilegiada nas escolhas dos migrantes estudados pela autora, na década de 1950, em São Paulo, em função de uma relativa autonomia no que concerne aos horários de trabalho, à relação patrão-empregado e aos circuitos que poderiam ser traçados pelas ruas da cidade, em detrimento de um esquema mais rígido de relações de trabalho e horários, como era o caso da fábrica. Durante as pesquisas que realizei com imagens de acervo de mercados de rua e feiras livres, observei que essa é uma escolha recorrente na dinâmica da vida urbana: o mercado como um lugar onde é possível arranjar trabalho e iniciar uma trajetória⁷ na cidade. Max Weber (1979, p. 69) afirma que a cidade se constitui a partir do “intercâmbio regular e não ocasional de mercadorias como elemento essencial da atividade lucrativa e do abastecimento de seus habitantes”. Combinando essas perspectivas – sobre o trabalho, o mercado e a cidade –, podemos dimensionar a importância do comércio para a construção da cidade como objeto de conhecimento. Nesse caso, o trabalho do comércio, mais especificamente neste artigo os feirantes e suas práticas de trabalho, podem ser uma chave importante de interpretação dessa conexão proposta pelo projeto referido sobre o trabalho e a cidade.

Arrisco a falar aqui de feirante como uma profissão – e não meramente uma ocupação momentânea, um “biscate” – na medida em que essa atividade parte de uma decisão, de uma escolha realizada em determinado momento de suas trajetórias; foi esse caminho o que cada um deles decidiu seguir e para tanto aprendeu, especializou-se, estabeleceu formas de trabalhar e relações de trabalho com colegas, partilhou redes, ensinou e construiu uma trajetória. Nesse sentido, não irei abordar neste texto uma outra dimensão do trabalho no mercado de rua que relaciona-se à informalidade, à quase inexistência, para o caso do Brasil, de contratos formais de trabalho entre donos de banca e

⁷ Durante o período em que realizei estágio de doutorado em Paris, tive oportunidade de assistir a inúmeros documentários sobre o mercado central da cidade, chamado Les Halles. Em todos eles, evidenciou-se que o mercado seria a porta de entrada na cidade de migrantes do campo, lugar onde encontrariam seu primeiro trabalho. Entre esses documentários, podemos citar: *Le dernier cri des halles*, de Monique Aubert (1973); *Memoires d'un vieux quartier*, de Gérard Chouchan (1969); *À demain les halles*, de Jean Lassave (2005). Em Porto Alegre, essa mesma afirmação surge nas narrativas de antigos trabalhadores do Mercado Público Municipal, entrevistados para o documentário *Arquelogias urbanas – memórias do mundo*, de Maria Henriqueta Satt e Ana Luiza Carvalho da Rocha (1997).

seus empregados, bem como as implicações – positivas ou negativas – dessas formas de organizar o trabalho na feira livre.⁸ O tema do trabalho informal em feiras livres mereceria um artigo à parte, devido à grande complexidade das relações de trabalho que ali se configuram: as redes familiares e de amizades que permitem que um trabalhador circule em diferentes bancas, com combinações particulares sobre o trabalho e o que vai receber por ele; os contratos por dia de feira e biscates, bem como os arranjos para atividades específicas, como carregar mercadorias ou limpar o espaço depois da feira. Neste artigo, por hora, procuro enfatizar essa dimensão da escolha do *metiér* bem como da construção de um saber relacionado a ele que por sua vez conforma o próprio trabalhador.

Poderíamos considerar que o “fazer-se feirante” constitui parte de um projeto individual e coletivo de um trabalho autônomo, ou por conta própria, presente no campo de possibilidades (Velho, 1999) desses interlocutores em determinado momento de suas vidas. Devemos, no entanto, tomar cuidado com a dimensão racional dessa escolha, segundo aponta Gilberto Velho (1999), conforme ela aparece na fala desses sujeitos imbuída de uma dimensão afetiva não racionalizada e elaborada como uma atração, uma paixão pelo mercado e pelo comércio. Ainda assim, do ponto de vista das heranças e das aprendizagens nesse *métier*, das idas e vindas desses interlocutores em outros empregos (como assalariados, conforme afirmam alguns), podemos perceber essa projeção de si como trabalhadores do comércio. Parto, então, da afirmação de uma complexidade nessa atividade de trabalho que pode não ser evidente numa primeira apreciação.

Neste artigo apoio-me sobre dados etnográficos produzidos entre os anos de 2004 e 2008, durante o período em que desenvolvi o doutorado em antropologia social, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As descrições das formas da vida social (Simmel, 1981) nas feiras livres presentes neste artigo expressam imagens de todos os mercados pesquisados, conforme a opção epistemológica adotada na tese de compreender a homologia das formas e dos gestos (Vedana, 2008) que configuram o mercado como um arranjo social particular no contexto urbano. As narrativas de feirantes aqui

⁸ Para reflexões nesta área, ver Noronha (2003), que problematiza a questão dos contratos de trabalho, Telles (2006), que apresenta uma análise sobre as transformações do trabalho e a vida urbana.

presentes dizem respeito a entrevistas realizadas com interlocutores de Porto Alegre e de Paris.⁹

O trabalho no mercado: práticas, experiências e saberes

Robert Cabanes (2000, p. 80), ao refletir sobre a antropologia do trabalho no século XXI, convoca a ultrapassar as formas clássicas de interpretar o desenvolvimento do capitalismo e sua relação com o mundo do trabalho, partindo dos trabalhadores e de uma nova compreensão do ato de trabalhar, não apenas restrita ao chão da fábrica, mas compreendendo esse sujeito em outras dimensões da sua vida:

La tâche d'une anthropologie qui voudrait rendre compte de l'évolution du capitalisme contemporain ne peut plus se limiter, dans le cadre de la mondialisation, à une anthropologie classique du travail; elle doit s'élargir à une anthropologie des travailleurs.

Essa antropologia dos trabalhadores proposta por Cabanes está muito próxima do “estudo monográfico” (Palmeira, 1976) desenvolvido por J. S. Leite Lopes (1976), em *O vapor do diabo*, sobre os trabalhadores de uma usina de açúcar em Pernambuco e a lógica de suas relações de trabalho, as diferenças internas de uma categoria ampla de “operários”. Da mesma forma, o trabalho de Cornelia Eckert (2012) sobre a construção da identidade social e a memória de mineiros de carvão em La Grand-Combe, na França, vai nos conferir um olhar “de dentro” da vida social desses trabalhadores. Conforme aponta a autora:

Nesta pesquisa, coloquei em alto relevo a vida e trabalho dos mineiros grand-combianos e de suas famílias não somente em relação à sua inserção no mundo plural, do mercado moderno (com o qual eles estão confrontados), mas também a outras totalizações que compartilham sensibilidades e projetos de vida com que reconfiguram valores e lógicas de reinvenção do cotidiano. (Eckert, 2012, p. 23).

⁹ As narrativas de interlocutores em Paris, que estão originalmente em francês serão traduzidas por mim no contexto deste artigo. Trata-se portanto de uma tradução livre.

Seguindo a perspectiva de uma antropologia dos trabalhadores, elegi alguns interlocutores e suas trajetórias para tentar compreender não a totalidade do que seria o trabalho no mercado, mas algumas de suas facetas. As narrativas de Henrique e Saionara, Akli e Andromeide, Fonseca e Karim vão nos guiar nessa descoberta do que é esse trabalho do comércio de alimentos na dinâmica da vida urbana. É importante considerar que são feirantes donos de suas bancas – à exceção de Karim – aos quais podemos atribuir uma trajetória de sucesso: diversos clientes fiéis frequentam suas bancas semanalmente; Fonseca era, até o final da pesquisa, presidente da Associação dos Usuários do Mercado¹⁰ há quase 20 anos; Akli triplicou o negócio que herdou do pai, da mesma forma que Henrique e Saionara. Devemos, no entanto, relativizar os sentidos da palavra “sucesso” e principalmente as imagens que dela decorrem. Não se trata de grandes empreendedores na linha de um *self-made man*, que ultrapassam todos os obstáculos e constroem uma carreira de êxitos. O sucesso aqui referido evidentemente tem correspondência com a dimensão da vida prática de “seus negócios”; afinal de contas, ampliaram seus locais de venda e possuem inúmeros fregueses assíduos, mas diz respeito principalmente ao seu investimento em um trabalho que consideram prazeroso (mesmo que fatigante), assentado nas formas de sociabilidade e nos laços afetivos que tecem ao longo dos anos.

Essa dimensão do prazer do trabalho, associada às brincadeiras e às jocosidades que configuram as relações entre feirante e freguês, não exclui um conjunto de esforços físicos e subjetivos que ocorrem antes, durante e depois das situações de interação com o freguês. Os homens e mulheres que trabalham no mercado levantam cedo, em torno das 5 horas da manhã: em Paris, para fazer suas compras em Rungis¹¹ e depois montar o mercado nas ruas da

¹⁰ Na cidade de Porto Alegre, existem diferentes organizações de feiras livres. As principais são as feiras-modelo, organizadas e mantidas pela Prefeitura Municipal desde o início da década de 1990, e o Mercado do Produtor, onde realizei minhas pesquisas. Esse Mercado é organizado por uma associação de feirantes (produtores e comerciantes) desde a década de 1980 e graças ao trabalho político de Fonseca tem conseguido se manter independente. O Mercado acontece às quartas-feiras à tarde, e aos sábados e domingos pela manhã, reunindo em torno de 100 feirantes.

¹¹ O Mercado Internacional de Rungis é um entreposto comercial situado a 7 km de Paris, com mais de 200 ha de superfície. Ele foi criado para substituir o mercado central da cidade, Les Halles, considerado insalubre e sem condições de crescimento, justamente por se localizar no centro urbano. É um dos maiores mercados de produtos frescos do mundo, local onde os feirantes vão se aprovisionar para vender no mercado de rua (como o caso da Ceasa no Brasil), destinado apenas a atacadistas.

cidade; no Brasil, como em geral o abastecimento é feito na véspera ou em dias anteriores, os feirantes seguem para as ruas e praças onde montar suas bancas.

Saionara, que é feirante desde criança, como ela mesma afirma, comenta sobre o trabalho:

A feira é a prioridade nossa. Eu já tenho a semana prontinha... quarta-feira venho aqui na Restinga, quinta tem Ceasa... de segunda-feira a sexta-feira faço as entregas na rua, nos mercados, e sábado e domingo a feira de novo... é uma rotina, nossa função é essa. Eu já iniciei magistério e parei, já tentei enfermagem e parei... meu negócio é exatamente este, é venda, é o público... é o público que eu gosto... Eu tenho paixão pelo que eu faço, paixão mesmo... eu poderia muito bem cursar uma faculdade, mas não me chama a atenção, eu poderia fazer outras coisas... Eu gosto desta função, mesmo quando está chovendo, quando está aquele calor, tem vento... não interessa. A gente sai... eu acordo na realidade 4 horas da manhã, né... 10 pras 4 e a gente sai de casa 4 e 15 para 5 e meia mais ou menos estar na feira, né. [...] Lá no Grêmio são 13 bancas, 14 com a minha, 14 bancas ao total lá no Grêmio. Lá tem a caixaria que se diz, né... que é o tomate, berinjela, pimentão, tem a fruta e tem mais a minha banca de alho. Lá é complicado, tu perde muito tempo, mais de 1 hora só pra montar e depois toda a função da mercadoria, né... é bastante complicado. (Saionara, Mercado do Produtor, 2005).

Saionara é casada com Henrique, ambos feirantes do Mercado do Produtor, vendedores de alhos e temperos. Se conheceram ainda na adolescência, quando Henrique era cobrador de ônibus da linha utilizada por Saionara. Ambos nasceram em Porto Alegre, oriundos de famílias já inseridas no circuito do comércio de alimentos: o pai de Saionara era feirante antes dela e o pai e o avô de Henrique vendiam na região central da cidade a produção de sua chácara, situada num bairro mais distante. Provenientes, portando, de classes trabalhadoras no setor de serviços da cidade, como pequenos comerciantes, hoje se poderia afirmar que pertencem às camadas medias urbanas (Velho, 1981) no que se refere a seus padrões de moradia e consumo e também à ampliação do negócio herdado do pai de Saionara.

Não fazem a feira juntos, pois o Mercado ocorre simultaneamente em dois locais de Porto Alegre, aos sábados e domingos. Henrique trabalha em uma banca no largo Zumbi dos Palmares, bairro Cidade Baixa, com um empregado, e Saionara trabalha junto com seu irmão e alguns empregados em uma enorme banca (ou melhor, 14 bancas reunidas, como ela descreve),

no estacionamento do estádio Olímpico do Grêmio Futebol Clube, bairro Medianeira. Ela começou a trabalhar na feira acompanhando o pai ainda menina e, quando conheceu Henrique e se casaram, levou-o para a feira também. Hoje, seus dois filhos acompanham o trabalho na feira livre aos sábados e domingos. Sua reflexão sobre o trabalho apresenta-nos a combinação entre estes dois lados da moeda: o esforço constante e a satisfação de executá-lo. Ao mesmo tempo, aponta para as idas e vindas em outras profissões que acabaram não a satisfazendo da mesma forma que as condições do trabalho na rua, com o público. A dimensão de uma paixão pelo trabalho coloca-se fundamental para ela nessa escolha.

Akli, um feirante argelino que é dono de uma banca no Marché Maubert,¹² em Paris, tem uma visão muito próxima à de Saionara. Ele também começou a trabalhar no mercado com o pai, quando tinha em torno de 7 anos de idade,¹³ durante os finais de semana ou férias escolares. Chegou a trabalhar em escritórios, como assalariado, mas, depois de um período, retornou para o mercado. Conhecemo-nos através de sua esposa, Andromeide, uma brasileira que resolveu, um dia, morar em Paris e foi acolhida por ele para trabalhar na feira (depois de passar muitos percalços nas tentativas de trabalhar como garçonne sem conhecer a língua). Alguns anos depois, casaram-se, e hoje trabalham juntos, com dois colegas mais jovens, também argelinos, Karim e Hakim.

Akli e Andromeide falam pouco de suas famílias de origem, embora façam visitas regulares a ambas – conforme me contaram – e procuraram delicadamente desviar do assunto “estrangeiros em Paris” quando este era mencionado. Em 2006, no entanto, ano da Copa do Mundo de Futebol, Akli fez questão de enfeitar sua banca com as cores do Brasil e a torcer pela seleção brasileira, defendendo-a mesmo depois da derrota para a França (quando então passou a torcer para a Itália, seleção vencedora do mundial). Não entrei

¹² O Marché Maubert situa-se em um local próximo a importantes pontos turísticos da região central da cidade, com habitantes de elevado poder aquisitivo. Akli afirmou que sempre escolheu esse tipo de bairro para instalar-se como feirante (seu pai tinha banca nesse mercado, e Akli ampliou o negócio para mais dois outros, em bairros similares), o que define também suas escolhas de o que comprar em Rungis e o que vender em suas bancas. O caso de Saionara e Henrique é um pouco diferente, pois ambos trabalham em bairros de camadas médias aos sábados e camadas mais populares aos domingos, o que influencia diretamente as formas de venda. Segundo Saionara, no domingo, “é tudo no grito mesmo, para vender tudo”.

¹³ Akli, Andromeide, Henrique e Saionara estavam na faixa dos 30 a 40 anos no momento de suas entrevistas, entre 2005 e 2006. Fonseca beirava os 60 anos e Karim era o mais jovem, na faixa dos 25 anos.

aqui em uma discussão sobre sua condição de imigrantes e a construção de uma identidade relacionada a ela, mas essa parece ser uma pista das ambiguidades vividas pelo casal nesse contexto.¹⁴ Aparentemente, em comparação a Henrique e Saionara, estão em uma posição mais favorável economicamente, na medida em que atendem um público de camadas médias e altas nos mercados em que trabalham. Na sua banca podemos encontrar frutas, legumes e verduras esteticamente organizados em cestos de vime.

É um trabalho muito dinâmico, começa todo dia por volta das 4 ou 5 da manhã, e paramos ali pelas 15 horas. Então é um trabalho muito intenso, com uma relação constante com o freguês, isso não para e é excepcional... Houve um período, quando terminei meus estudos, em que comecei a trabalhar em um escritório de... enfim, como um assalariado, mas rapidamente eu voltei, eu voltei para os meus amores! (Akli, Marché Maubert, 2006).

Como podemos depreender desses relatos, a jornada de trabalho é longa, em torno de 10 horas por dia. Ela compreende, além de montar a estrutura do mercado (e a desmontar ao final), manter a banca atrativa para seus fregueses, fazer as vendas e fornecer informações específicas sobre os alimentos que são vendidos (e mesmo algumas receitas), receber bem os clientes, reconhecer os fregueses habituais e suas preferências (muitas vezes escolhendo as compras destes), calcular as perdas e ganhos do dia, gritar e anunciar seus produtos.¹⁵ Tudo isso em pé, deslocando-se de um lado a outro no interior da banca. Para que tudo funcione há todo um processo anterior de relação e negociação com fornecedores da Ceasa ou Rungis, com os quais estes feirantes estabelecem redes e laços.

Em Rungis tem de tudo, nós podemos encontrar a 10 centavos de euro ou a 3 euros o mesmo produto! Bom, o mesmo produto, mas não a mesma qualidade, então trata-se de uma escolha, depende do que decidimos levar para nossa clientela. O problema que se coloca é de criar relações. Rungis é enorme, existem facilmente 30 mil pessoas que trabalham lá, reunindo os setores de frutas,

¹⁴ Para uma análise mais aprofundada sobre esse tema, ver Feldman-Bianco (2009) e Bastos (2009).

¹⁵ No caso do Brasil, a ocupação de feirante está listada na Classificação Brasileira de Ocupações, onde podemos encontrar a descrição das características desse trabalho e as competências profissionais do trabalhador, além de outras informações mais delimitadas. Ver <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>.

legumes, aves, peixes... no setor de frutas e legumes isso representa em torno de 5 mil sociedades. Então temos que tecer uma rede e cada um tem o seu método, existem aqueles que vão fazer de tudo para adquirir um produto barato. Eu optei por um outro método que é o de tecer um laço com um grupo restrito... Bom, eu vou a Rungis todas as manhãs. Eu venho aqui [no mercado], eu instalo, vou a Rungis e volto com a mercadoria. Não tenho tempo de ver o preço por tudo, então eu vou me concentrar nessa rede e eles sabem o produto que eu quero, posso encomendar antes, por telefone, ou podemos fazer a negociação no dia mesmo e esta negociação está relacionada à quantidade que eles sabem que eu compro. É aí que eu vou intervir nessa negociação, porque a maioria vai negociar em relação à quantidade do dia e eu vou negociar em relação à quantidade global que eu vou comprar no ano. Se eu não estou satisfeito eu não compro mais. (Akli, Marché Maubert, 2005).

Henrique e Saionara também mencionaram inúmeras vezes, em nossas conversas, as negociações e redes que constituíam com fornecedores da Ceasa/RS para a aquisição dos diferentes tipos de alho que vendem na feira. Esses processos nos ajudam a compreender que o trabalho desse comerciante envolve uma sistematização de suas experiências cotidianas na feira livre relacionadas aos seus fregueses e a suas demandas, que os ajudam a definir em que produtos investir para satisfazer esses clientes. A banca de Henrique não é a única que vende alhos no Mercado do Produtor, da mesma forma que a banca de Akli também divide o espaço de vendas de frutas e legumes com outras bancas. Garantir a relação preço-qualidade, nesse caso, não é algo homogêneo para todos os feirantes, vai depender muito mais da ligação que eles conseguem fazer entre seus fregueses e seus fornecedores. E aqui não se está falando apenas da circulação de um produto, mas sim de estilos de vida e dos simbolismos que são atribuídos aos alimentos comprados na feira.

É claro que esta forma de fazer está relacionada a um determinado tipo de feirante, pois os trabalhadores do mercado de rua são numerosos e pertencem a categorias diferentes. Em uma banca¹⁶ podemos encontrar o dono da

¹⁶ A banca (ou *stand* na França) é uma estrutura de madeira ou metal que delimita o espaço de vendas de cada feirante no interior do mercado. É também o local onde são organizados os produtos, apresentando tamanhos diversos, conforme o alvará de venda de cada feirante. Em Paris, essa estrutura é fornecida e montada pela Prefeitura; em Porto Alegre, ela fica a cargo dos próprios feirantes; nos dois casos, são padronizadas.

banca,¹⁷ algumas pessoas de sua família – como esposa e filhos – e alguns empregados, no caso de bancas grandes. O dono da banca pode ser produtor rural que vende sua produção nos mercados de rua, ou um comerciante que revende produtos comprados nas centrais de abastecimento. Existem aqueles que “se criaram” – como Akli e Saionara – nessa profissão e os que aderiram a ela em momentos determinados de suas trajetórias – caso de Henrique, Fonseca, Karim e Andromeide. Além disso, muitos feirantes fazem parte das comissões ou associações de gestão dos mercados de rua, cumprindo, portanto, um papel político na administração do mesmo.

Fonseca é o presidente da Associação dos Usuários do Mercado, entidade que organiza as feiras livres do Mercado do Produtor. É também feirante, tem uma banca onde vende pães e bolachas com sua esposa, mas, em geral, ele é encontrado perambulando pela feira, observando o movimento, discutindo as “questões políticas” que envolvem o Mercado e a prefeitura de Porto Alegre, cuidando do bom andamento do espetáculo. Durante o período da minha pesquisa ele sempre se colocou no papel de explicar o funcionamento administrativo do mercado, as diferenças entre produtores e comerciantes, entre os tipos de mercadorias que podem ser comercializadas ali e, mais do que tudo, de afirmar a importância desse mercado para o abastecimento urbano de Porto Alegre.

O que ele produz ele pode vender, cada um aqui tem uma linha de produtos entendeu? Vai do um ao seis, mas tu não sabe nada do que é isso, né? A linha um, o ramo um é o ramo da laranja, dos cítricos, o dois tem um lá adiante, que só vende banana. Esse aqui [aponta para uma banca de verduras] vende também, mas porque ele é produtor. [Eu pergunto: “Ele produz a verdura e a banana?]. Isso, a linha dele é verdura, então para vender banana, que está fora da linha dele, tem que ter uma autorização. Entendeu? Como é que funciona, cada um tem um alvará aqui para trabalhar, não é assim, chega e monta... Caixaria é aquele lá da ponta, porque aquilo ali é produto que produtor não tem, então ele completa para não faltar na praça. Agora não é época de tomate aqui, está vindo de São Paulo, então tem que comprar onde? Compra na Ceasa, é o chamado comerciante. (Fonseca, Mercado do Produtor, 2005).

¹⁷ Na maioria dos casos eram homens, mas conheci, ao longo do doutorado, uma mulher proprietária de banca, que havia herdado a mesma de seu marido quando esse faleceu.

Cada um desses vários papéis diz respeito também a uma responsabilidade distinta no que concerne às relações de trabalho em cada banca, diferenças que somente aparecem através de uma observação atenta do cotidiano do mercado. Essas relações de trabalho obedecem a uma hierarquia sutil onde habitualmente o dono da banca conduz e organiza o trabalho de seus empregados e dos membros da família. Ele decide a organização dos produtos na banca e demanda a seus colegas a reposição dos alimentos sempre que necessário. É ele também que determina os preços e as promoções. Ao mesmo tempo, todos esses trabalhadores seguem um determinado ritmo de trabalho durante a jornada, todos devem atender clientes, mas dependendo das dimensões da banca e dos produtos que vendem, cada um fica responsável por um setor.

Considerando as diferenças que perpassam essa categoria de trabalho – incluindo-se aí também as diversidades socioculturais relacionadas às diferentes cidades pesquisadas – observei, no trabalho de campo, que esses sujeitos compartilham saberes e artes de fazer (Certeau, 1994) que guardam suas especificidades no que tange às profissões urbanas. Para Certeau (1994), as artes de fazer seriam um conjunto de procedimentos ou “maneiras de fazer” que compõem a vida ordinária e que “inventam o cotidiano”. “Essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural.” (Certeau, 1994, p. 41). Os feirantes com os quais estou em interlocução neste texto tiveram outras experiências de trabalho além do mercado, mas acabaram optando por este.

Essa opção, parece-me, resultou em um saber sobre o comércio que se acumula na rítmica do mercado, ou seja, nas repetições e recomeços a cada nova jornada. A escolha dos produtos, o trato com os clientes e os cálculos e táticas de venda fazem parte desse saber construído nas interações da feira livre e nessa experiência do comércio.

Às vezes, as pessoas perguntam: “Mas por que tu não produz?” O alho, ele dá uma vez por ano... novembro, dezembro é época de colheita, então chega por março, abril, termina a safra nossa, né. Aí o que acontece, tu tem que buscar alho fora, esse alho aqui é argentino, este vem da Argentina... Aquele lá da ponta ó... é chinês! A China incentiva muito, eles têm subsidio deles lá que diminui um monte, se tu analisar na ponta do lápis pelo... a carga tributária nossa aqui é vantagem... Tu vê, este alho aqui vem da China ao mesmo preço do alho nosso que vem de 30 km daqui... Ele vem do outro lado do mundo... Aí tu bota as despesas... de lá para cá vem de navio... aí desce em Santos, de Santos até aqui é carreta, né, então tu bota dois fretes em cima, bota mais a comissão, mais os impostos que eles pagam... (Henrique, Mercadão do Produtor, 2005).

A reflexão de Henrique não se refere apenas a preços, qualidades e vantagens; concerne, principalmente, a essa possibilidade de termos um alho da China mais barato do que aquele produzido no Rio Grande do Sul, em feiras livres de Porto Alegre, e aponta para as formas como se expressa essa mundialização do capitalismo, que Cabanes (2000) analisa, particularmente no que tange à circulação de mercadorias em termos globais. Essas transformações atingem diretamente o trabalho no comércio de alimentos, e para que Henrique e Saionara possam garantir sua trajetória como feirantes vendendo alhos e temperos na feira livre é importante que sistematizem esses conhecimentos e os atualizem em suas práticas no mercado. Essa mesma reflexão faz parte das preocupações de Akli:

E as pessoas mudam também. O mercado é pela manhã, nós trabalhamos muito bem no final de semana, sábado e domingo, e durante a semana nós trabalhamos mais com uma clientela habitual [do bairro]. E o ritmo das pessoas muda, elas trabalham de manhã e não vão mais ao mercado, elas não podem estar ao mesmo tempo no trabalho e no mercado, então... Sobretudo depois que a mulher trabalha, depois dos anos 1970, quanto mais a mulher trabalha, mais ela reserva o mercado para o final de semana. Então é uma atividade que funciona bem no final de semana, mas é preciso ser um bom gestor para que se continue durante a semana. Se você olhar ao redor existem muitos comerciantes de roupas que não são os comerciantes habituais deste mercado, mas estão substituindo comerciantes titulares, um titular é necessariamente um comerciante de alimentos. Mas eles não souberam captar sua clientela e então vêm apenas no final de semana. (Akli, *Marché Maubert*, 2006).

A construção dessa trajetória de trabalho está aliada a essa observação do mundo e suas transformações, que precisam ser elaboradas nas práticas cotidianas no interior do mercado, na negociação com fornecedores, na troca social com os fregueses. Recorro mais uma vez a R. Cabanes para refletir sobre o ato de trabalhar como “transformação do mundo, objetivação da inteligência e produção de subjetividade” (Dejours, 1998 apud Cabanes, 2000, p. 80, tradução minha), pois são essas aprendizagens e experiências que vão possibilitar a esses sujeitos o fazer-se feirante.

O tempo do trabalho, nesse sentido, é elaborado como tempos superpostos (Eckert, 2012): o dia de feira, que é o momento de colocar em prática esses saberes, de transformá-los em gestos e jocosidades; o ciclo da semana, que viabiliza as negociações, as análises de preços e qualidades dos produtos,

a organização da rotina; e o transcorrer dos anos, em que acumulam experiências e compõem trajetórias. A pesquisa de campo nesses mercados e a escuta da narrativa desses feirantes transformou-se em pretexto para a exposição dessas considerações sobre o tempo e as aprendizagens que decorrem dessas diferentes temporalidades. Não só reflexões sobre as dificuldades impostas pelo “avanço do capitalismo contemporâneo” (Cabanes, 2000, p. 80), que vai possibilitar a flexibilização das fronteiras entre países no que tange à circulação dos alimentos, mas quanto ao espaço cada vez maior no interior das cidades para comércios como o de supermercados e todas as suas vantagens sobre comércios tradicionais, como o da feira livre. Essa escuta também motivou reflexões positivas pertinentes às experiências de trabalho, até em maior intensidade do que essas avaliações sobre as transformações sociais vividas por esses trabalhadores. E aqui entramos no domínio das sociabilidades.

Saionara em sua entrevista avalia que, com o tempo, muitos clientes tornam-se amigos, e que ela própria mudou. Essa mudança relaciona-se de forma direta com o tratamento dado aos fregueses. Com o tempo, tornou-se mais tolerante e receptiva com os clientes, compreendendo dessa forma as “regras do jogo” do mercado. Reverter a situação de conflito ou “não escutar” uma demanda mais ríspida constitui parte de suas práticas de trabalho, não como forma de subordinação à frase “o cliente sempre tem razão”, mas como maestria de construir relações.

Tem amizade que tu vai fazendo no decorrer, isso é bem bacana... A gente tem um cliente que compra... ele mora do lado do Zaffari [supermercado tradicional de Porto Alegre], do lado... e ele se tornou um amigo, fazem uns 20 [anos] que ele vai na feira... eu digo: “Vem cá, tu é louco, tu vem aqui dia de chuva, vento...” E ele diz: “Eu gosto de vir porque pra mim se torna uma terapia.” Ele chega na nossa banca e a gente mexe com ele: “Tu pesa, tu escolhe, tu faz o troco né, que a gente não vai te atender.” Ele se tornou tão amigo que ele tem uma corretora de seguros, faz o seguro do meu carro... ele se tornou praticamente da família, é só vivenciando pra ti ver o quanto é bacana esse contato. (Saionara, Mercado do Produtor, 2005).

Henrique, que em geral é muito bem-humorado, também constrói suas estratégias de vínculos com os fregueses. Vendendo alhos e temperos, procura sempre brincar, contar histórias e rir com colegas e clientes, troca receitas e aposta que sua banca de temperos já “salvou até casamentos”.

A diferença da feira para o supermercado além do preço né... aqui na feira é a pessoalidade, coisa que tu não vê em supermercado o freguês chegar, conversar, brincar, nós temos fregueses que vêm aqui na feira por terapia, sabia, vem pra conversar contigo, se dá bem e conversa, tira aquele estresse, ele não se sente bem se não vem na feira, conversou contigo eles voltam pra casa tranquilos. E supermercado não tem isso, tu vai lá pagou, passou o cartão, deu... tem só um cliente pra eles né? (Henrique, Mercadão do Produtor, 2007).

Dessa forma, lidar com possíveis conflitos que aparecem diante da banca é, para esses feirantes, parte de suas atribuições, é uma das facetas de seu trabalho. Manter o bom humor é fundamental, pois seu *métier* depende de uma certa habilidade para fazer circular a palavra e desenrolar as situações de sociabilidade. Com isso, essas relações de amizade revertem-se positivamente também para os feirantes, não simplesmente para vender mais, mas para tecer e preservar esses laços, tornando esse trabalho intenso também prazeroso. Para Akli, trata-se de um sentido que se compartilha a partir dessa experiência rápida e cotidiana do mercado, o que torna esse trabalho agradável é justamente esse contato.

Nós nos conhecemos, nós nos conhecemos... Mesmo que seja rápido, é cotidiano e regular, há um laço que é tecido. Então é isso que é prazeroso neste *métier*, é um contato rápido, mas não é superficial. Nós não conhecemos as pessoas muito bem... eu não sei quem você é, e você não sabe quem eu sou, mas apenas pelo humor, é isso! Há um contato pelo humor, eles se lembram e é por isso que eu os faço [os clientes] provarem [as frutas], há esta atração pela degustação, tudo isso é uma parte do laço, porque é verdade que existe um sentido de partilha, eu compartilho muito! (Akli, Marché Maubert, 2006).

Karim, que trabalha com Akli, segue na mesma argumentação:

A troca com os cliente é formidável! Os clientes, quando eles te pedem alguma coisa não é simplesmente... eles procuram uma troca, na realidade. Sobretudo em Paris, que é uma grande cidade, as pessoas são um pouco mais reservadas, elas podem comprar em qualquer lugar, mas as que vêm ao mercado, elas procuram também um contato. Então é preciso ser atencioso, dar uma palavrinha, falar de futebol, perguntar se está bem... e aí você desenvolve uma verdadeira relação. (Karim, Marché Maubert, 2006).

Essas narrativas apontam para o trabalho na feira em sua dimensão lúdica, recorrendo às trocas sociais com clientes e mesmo com colegas como

um aspecto que “humaniza o *métier*” (conforme Karim), e não apenas como uma ferramenta para melhor vender. É interessante considerar, ao mesmo tempo, que todos citaram o trabalho de feirante como um trabalho duro, que exige bastante em termos do corpo e do espírito, uma “dureza” amenizada pela sociabilidade e interação. Os conflitos, tensões e discordâncias parecem ser aqui resolvidos pela via da jocosidade, das piadas e das inversões de hierarquias próprias do humor da praça pública, conforme apresenta Bakhtin (1996). Penso que essa habilidade de construir relações e promover sociabilidades é uma das características a ser desenvolvida pelo feirante. Por sua vez, em se tratando de uma troca, essa habilidade precisa do outro, do freguês para ser desenvolvida, ela depende da resposta desse interlocutor que está do outro lado da banca e que vai circular em várias delas, não só possibilitando que essa palavra repasse entre freguês e feirantes, mas entre as diferentes bancas do mercado. Da mesma forma que nem todos os feirantes acionam essas mesmas táticas de trabalho, não são todos os clientes dessas bancas que aderem à interação proposta pelo feirante, muitos passam por ali sem participar das brincadeiras e jocosidades próprias do mercado. No entanto, durante os longos períodos que compartilhei com esses fregueses em suas bancas, pude presenciar como alguns deles são elos fundamentais nesse jogo social, até mesmo com o papel de incluir outros fregueses ou mesmo feirantes nesse processo.

Todos esses aspectos do trabalho do feirante fazem parte de um longo processo de aprendizagem, construído no mercado, e, na maioria das vezes, transmitido do pai ao filho; ou do empregador ao empregado. Sempre ouvi de feirantes que se aprende ali na banca, “fazendo” e observando. Um de meus interlocutores de pesquisa, durante o mestrado, o Cláudio,¹⁸ ao ouvir-me perguntar sobre seu trabalho, respondeu-me: “Quer saber do nosso trabalho? Então vem trabalhar!”, desafio que resultou concretamente em uma experiência de aprendizado sobre como vender laranjas, como fazer troco, como atender os clientes em sua banca, durante alguns dias de feira (Vedana, 2004).

¹⁸ Cláudio também era feirante do Mercado do Produtor até o ano de 2004. Possuía a maior banca da feira livre e vendia laranjas, bergamotas e melancias, entre outros alimentos, todos produzidos por ele. Não tive oportunidade de encontrá-lo durante a pesquisa de doutorado pois, segundo o que Henrique me informou, ele desistiu de fazer a feira – no caso, deixou de ser feirante – para se dedicar apenas às vendas em grandes quantidades, já acertadas com empresas e distribuidoras. Cláudio e seus colegas de trabalho eram mestres na arte da jocosidade e da piada.

Podemos dizer que as práticas de trabalho no comércio de alimentos nas feiras livres se caracterizam pela construção de uma relação de trabalho entre mestre e aprendiz. Como venho afirmando, essa aprendizagem depende da interação e da relação com o outro: seja com os colegas que ensinam e aprendem num mesmo contexto, com os fornecedores de entrepostos comerciais onde compram seus produtos, seja com os fregueses e suas demandas não só relacionadas aos alimentos, mas aos laços sociais que se tecem na feira.

O cotidiano de trabalho e a construção da profissão

Em suas artes de fazer (Certeau, 1994), Akli arruma constantemente a banca enquanto anuncia seus produtos. Preenche os espaços vazios com outras frutas ou legumes que ainda não foram expostos, e, se os alimentos já estão acabando, vai rearranjando as caixas e cestos, organizando-os de forma que a banca esteja sempre bonita, recheada de cores e formas, para que agrade o freguês. A visão, segundo ele, é a primeira forma de relação com o alimento que se vai consumir, há uma atração por eles, por isso precisam estar bem apresentados aos olhos do freguês, e cada feirante vai achar a sua maneira de oferecer isso a seus clientes.

Este é um pouco o meu sistema, a ideia é que, a partir do momento que estão bem apresentados, isso já atrai o olhar, se colocamos pilhas assim, não vemos muito, não é bom. Primeiro somos atraídos pelos olhos e depois... [a banca] é como um pequeno quadro. (Akli, Marché Maubert, 2006).

A sequência de gestos que desenvolve para essa atividade é homóloga à sequência de gestos de Henrique na organização de seus temperos. Os alhos soltos e suas variedades, bem como as pimentas, são remexidos para ganharem volume sobre a banca e se destacarem. Todas as variedades de temperos que estão em pacotes também passam por revisão e rearranjos, de forma que a banca fique sempre pronta para o freguês. É apenas no fim da feira que percebemos uma diminuição da quantidade de produtos, da mesma forma que começam algumas promoções para que realmente as mercadorias sejam todas vendidas. Há uma rítmica do mercado que se expressa nos alimentos, pois estes acompanham a passagem do tempo, mudando de qualidade, amadurecendo. Por isso também acabam custando menos ao final.

No Marché Maubert, Akli e Andromeide ensinam Karim sobre o trabalho na feira. Ele foi a Paris para fazer seus estudos em economia e, para financiá-los, trabalha no mercado de rua. Karim apresentou-se como um apaixonado pelo mercado, enfatizando tudo que era possível aprender – sobre agronomia, agricultura, geografia, economia e mesmo gastronomia – apenas trabalhando como feirante. No momento de sua entrevista ele estava em pleno processo de aprendizagem do *métier*, pois começara havia três meses. Karim aparece, neste artigo, como interlocutor de Akli, na medida em que este fala como ensina, e Karim explica como aprende.

Sim, eu aprendo. Quer dizer, no começo, eu não sabia nada e Akli, Andromeide e Hakim me ensinaram. Eles têm muita experiência, eles conhecem muitas coisas e eu aprendo à medida que... Bom, num primeiro momento, quando a gente aprende, você sabe que somos um pouco rígidos, mas depois... os meus colegas tiveram um papel muito importante, eles me deixaram à vontade e me disseram: “Vá com calma, você pode errar...” e ao mesmo tempo me aconselhavam todo o tempo, estavam muito atentos ao que eu fazia e também me diziam: “Atenção, é preciso fazer isso antes, é preciso corrigir isso” e pouco a pouco eu me corrijo. (Karim, Marché Maubert, 2006).

A essa interpretação de Karim sobre sua aprendizagem, devemos também somar a intensidade do trabalho no mercado. É claro que, nesse processo, eles vão contar com dias mais calmos que outros, mas, de forma geral, um dia de mercado é “uma correria”, na qual se atende mais de um freguês simultaneamente, com suas demandas diversificadas: de onde vem o produto, está maduro ou não, a pechinha e, principalmente, a conversação (Simmel, 1983) pelo simples prazer de estar ali. E lidar com isso é uma aprendizagem que se desenvolve à medida que se trabalha.

É preciso, inicialmente, que eles façam da mesma maneira que eu. Isso parece simples, mas não é. Para formar essa equipe eu já passei por dez pessoas, então isso depende do comportamento de uns em relação aos outros porque é um contato muito rápido e... bom, são muitos produtos para se memorizar, há um trabalho físico, existe... Como eu digo, tem o trabalho de memorização, o contato, a gentileza... para formar uma equipe não é evidente. Na verdade, para que isso possa funcionar bem é preciso que seja a mesma coisa que eu, uma cópia de mim mesmo, o método que eu aplico é este. Porque o cliente, ele repara e é preciso

que seja sempre a mesma coisa. Todas as pessoas que trabalham comigo, é preciso que tenham o mesmo comportamento que eu, com o cliente, com a mercadoria, com o método de trabalho em geral... (Akli, Marché Maubert, 2006).

Essa demanda de Akli que parece rígida – formar cópias de si mesmo – em um primeiro momento, ganha sentido se avaliarmos isso sob a perspectiva do que está sendo trocado entre ele e seus aprendizes. Akli, e outros feirantes que passam pela mesma situação de ensinar, confia a seus aprendizes todo um conjunto de laços que estabeleceu no mercado, ao longo dos anos. Não necessariamente Karim será sucessor de Akli no seu negócio, ou em sua banca (embora Akli afirme de forma veemente que não gostaria de ver seus filhos nesse mesmo *métier*, em função das transformações ocorridas no mesmo), mas, conforme participa da banca, Karim “ganha” alguns desses fregueses, possivelmente, aqueles que também já viraram amigos de Akli. Retomando o que Akli afirmava no tocante à partilha do mercado, o que vai se compartilhar com colegas de banca são essas relações. Essas relações compartilhadas também fazem parte de sua experiência de aprendiz e da forma como sistematizou, em sua trajetória, todos os conhecimentos que hoje troca com Karim.

Eu nasci no mercado, meu pai trabalhava no mercado e eu trabalhei com ele no mercado quando era bem pequeno. Pouco a pouco nós aprendemos um *métier* juntos, eu tinha 7 anos quando comecei aos finais de semana, quando não tinha escola... e mesmo quando eu terminei meus estudos eu continuei, era um *job*, um pequeno trabalho de aprendiz... No dia em que meu pai se aposentou, isso se tornou uma sucessão. (Akli, Marché Maubert, 2006).

Nascer no mercado ou “ter a feira no sangue”, como afirma Saionara, representa a afirmação de uma identidade apoiada nas experiências de trabalho que viveram, ao longo desses anos, como feirantes. Mesmo essas afirmações, que podem evocar a ideia de um destino, não naturalizam para eles o processo de tornarem-se feirantes conforme narram não só suas aprendizagens, como também as mudanças pelas quais passaram. Saionara e Henrique, diferentemente de Akli, transmitem essa herança também para seus filhos, que fazem a feira com eles, mesmo que essa escolha seja questionada, de tempos em tempos, por Saionara. Sua avaliação final, no entanto, é positiva, pois os filhos aprendem um trabalho com ela e, assim, podem ter “um entendimento” mais

concreto sobre a economia doméstica de um lado; e sobre as formas de sociabilidade, de outro.

Comecei a trabalhar em feira com uns 11 anos e... Eu estudei e a gente sempre acompanhou o meu pai, eu e minha irmã, mas quem sempre teve o sangue de feirante fui eu, sempre gostei mais de participar e estou até hoje... Meu pai sempre trabalhou por conta. Sempre comprou para revender... Até que ele faleceu e a família assumiu... Comecei vendendo pacotinho de alho em cima da banca dele, emprestado, depois a gente casou e continuou sempre, né, já faz anos que a gente trabalha só vendendo alho... Quem começou primeiro a levar os filhos fui eu... O mais velho na época eu fazia a caminha dele embaixo da banca, trazia sopinha, aquilo tudo pra esquentar, deixava onde o pessoal trabalha com frios, depois eu ia lá pegava, tinha liquinho, aquecia... O menorzinho, a mesma história... O pequenininho hoje vende na feira, ele tem 7 anos... ele sabe direitinho, ele grita, é um feirante! O mais velho também é bom vendedor, ele é muito maduro para idade dele, até às vezes eu me arrependo e penso que deveria ter deixado eles... mas a gente nunca acerta, e no fundo no fundo, com tudo, eu ainda prefiro assim, prefiro porque... eles poderiam estar em casa, curtindo uma televisão, mas e daí? Hoje eles sabem de onde vêm as coisas... (Saionara, Mercado do Produtor, 2005).

Como vimos, a transmissão desses saberes deu-se a cada dia de feira. Henrique aprendeu com o sogro e a esposa, quando deixou de ser cobrador de ônibus e passou a trabalhar na feira livre; Fonseca aprendeu com um tio, na década de 1960, quando ainda garoto, iniciava sua trajetória das feiras livres de Porto Alegre (como ele diz, “nas mais antigas, muito antes do Mercado existir”). Andromeide aprendeu com Akli, e o desafio de vender alimentos ajudou-lhe a aprender francês para se comunicar com seus clientes. Todos aprenderam a partir de processo de interação com colegas e fregueses, todos também foram construindo um saber não só sobre o dia a dia do mercado, mas também no tocante às transformações urbanas – que, em muitos casos, deslocaram as feiras em que trabalhavam de seus espaços – sobre a transformação nas formas de circulação do alimento no interior da cidade, entre diferentes cidades e também entre países. Saberes esses que, pouco a pouco, vão narrando em suas convivências e experiências no mercado, não só para a pesquisadora que, com sua curiosidade, coloca-lhes uma série de perguntas relativas às suas vidas, mas também entre si, com colegas e fregueses.

Considerações finais

Parece-me importante finalizar este texto ponderando que essas trajetórias narradas expressam experiências particulares. Não foi por acaso que esses feirantes se tornaram os interlocutores principais de minha pesquisa de doutorado sobre o tema da duração dos laços sociais nos mercados de rua. Esses sujeitos não só investem nesses vínculos e trocas com o outro – colegas, fregueses, a pesquisadora – como também refletem sobre sua importância em seu cotidiano de trabalho. Nem todos os feirantes em mercados de rua fazem o mesmo investimento, ou se veem construindo o mercado e projetando-se como feirante, comerciante autônomo, vinculado ao outro que atende a cada dia de trabalho. Como todas as categorias de trabalhadores, essa também está longe de ser homogênea. Porém a convivência compartilhada com esses sujeitos me faz refletir se essas sistematizações de saberes e reflexões sobre a sociabilidade não tornam esse feirante um técnico, no sentido do uso de suas habilidades para construir essa “trajetória de sucesso” à qual me referi anteriormente.

Um dado importante relacionado às narrativas cujos fragmentos fazem parte deste texto é o de que todas elas foram construídas no espaço do mercado, por escolha dos feirantes. Nenhum deles escolheu sua casa ou qualquer outro lugar “mais calmo” para contar sua trajetória. O que, num primeiro momento, pareceu-me um constrangimento para a pesquisa – visto que buscava acessar, com eles, outras temporalidades e, portanto, imaginava a construção de um contexto de entrevista mais reservado, em que não fôssemos interrompidos – revelou-se posteriormente como um elemento fundamental para o entendimento das sociabilidades do mercado. Ao contarem suas histórias e refletirem sobre suas trajetórias, eram constantemente interrompidos por seu trabalho, ou permaneciam com uma “atenção flutuante” em relação ao que estava acontecendo na banca. Essas interrupções, no entanto, não os retirava da condição de narradores, pelo contrário, muitas vezes, eram justamente tomadas como ponto de ancoragem sobre o que estavam avaliando em suas trajetórias, como exemplos das relações que se tecem, dos tipos de demandas que costumam ouvir de seus clientes, ou mesmo oportunidades para que essa *performance* da sociabilidade viesse à tona.

São essas imagens de um trabalho intenso de relação com o outro que me levaram a indagar a importância da sociabilidade no trabalho desses feirantes.

A habilidade de conduzir o diálogo com fregueses muito diferentes – em termos de valores, estilos de vida ou discursos – que passam por suas bancas em um dia de feira tem relações diretas com a experiência urbana desses sujeitos, seja em termos de suas trajetórias de trabalho que culminaram no mercado, seja nas negociações e percursos seguidos para viabilizar o abastecimento da cidade de alimentos hortifrutigranjeiros. Mais ainda, o estar na rua e fazer dela um outro lugar durante um determinado período do dia, ocupar esse espaço de circulação anônima dos habitantes da cidade e transformá-lo em um espaço de intimidade e sociabilidade, de encontros e de trocas, configura esse fazer-se feirante que procurei discutir neste texto.

Um fazer-se feirante que depende de seus conhecimentos sobre os alimentos: suas origens, o tempo de maturação, como usá-los na cozinha (como observei muitas vezes no mercado e como todos narraram em determinado momento); sobre economia e como fazer circular a moeda no mercado – os preços e cotações, a diferença com os supermercados (quanto aos quais apresentam interpretações muito importantes, mas que infelizmente não puderam ser tratadas neste artigo), mas principalmente sobre vínculos e laços, sobre amizade e partilha, sobre jocosidades e interações.

Referências

AGIER, M. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BACHELARD, G. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: EDUNB, 1996.

BASTOS, C. Maria Índia, ou a fronteira da colonização: trabalho, migração e política no planalto sul de Angola. *Horizontes Antropológicos*, ano 15, n. 31, p. 51-74, jan./jun. 2009.

CABANES, R. La anthropologie du travail au 21^e siècle. *Anthropologie et sociétés*, Montreal, v. 24, n. 1, p. 79-94, 2000.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DUARTE, L. F. D. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: CNPq, 1986.

DURHAM, E. R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

ECKERT, C. *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)*. Curitiba: Appris, 2012.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

FELDMAN-BIANCO, B. Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. *Horizontes Antropológicos*, ano 15, n. 31, p. 19-50, jan./jun. 2009.

LEITE LOPES, J. S. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEITE LOPES, J. S. *A tecelagem dos conflitos de classe na “cidade das chaminés”*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora da Universidade de Brasília; CNPq, 1988.

MAZON, M. da S. *Abastecimento alimentar no Brasil e as reformas liberalizantes: Estado e mercado em questão*. Tese (Doutorado em Sociologia Política)–Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

NORONHA, E. G. “Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 53, p. 111-129, 2003.

PALMEIRA, M. Prefácio. In: LEITE LOPES, J. S. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. XI-XV.

SAHLINS, M. D. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANSOT, P. *La poétique de la ville*. Paris: Petit Bibliothèque Payot, 2004.

SIMMEL, G. *Sociologie et épistémologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.

SIMMEL, G. *Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

TELLES, V. da S. Mutações do trabalho e experiência urbana. *Tempo Social*, v. 18, n. 1, p. 173-195, 2006.

VEDANA, V. *Fazer a feira: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

VEDANA, V. *No mercado tem tudo que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13383>>. Acesso em: 31 ago. 2012.

VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WEBER, M. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, O. G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 68-89.

Recebido em: 31/08/2012

Aprovado em: 17/01/2013